

Educação, promovida pelos amigos de Moacir, por iniciativa de um juiz que lá de Mato Grosso acompanhava tudo o que se fazia em termos de letras no Rio. Tanto gostava de Moacir que, ao ser transferido de Mato Grosso para o Rio de Janeiro, começou a reunir documentação a respeito do poeta dos *Gritos Bárbaros*, não apenas recortes de jornais e revistas, de críticas de leitura, mas principalmente depoimentos recolhidos com companheiros de Moacir e membros da família para reunir em livro. Isso lhe permitiu tomar a iniciativa de promover a comemoração do vigésimo quinto ano da morte de Moacir de Almeida. O programa das comemorações consistia de uma visita ao túmulo do poeta no Cemitério de Inhaúma, outra ao Passeio Público para a inauguração de um busto de Moacir, obra do escultor Honório Peçanha. O orador oficial do ato, Agripino Grieco, fez discurso de improviso, uma pequena peça, verdadeira obra-prima de retrato literário. A cerimônia foi à tarde, ao escurecer, com o tempo chuvoso, mas com muita gente. Durante um mês decorreu a série de conferências e em minha conferência é que havia uma súmula sobre Lima Barreto, porque eu tive de pintar todo o panorama em que se projetou a figura de Moacir de Almeida, que foi o quinto ou sexto da roda dos bares. Eu estudava todos os tipos da confraria e esclarecia que Moacir entrou na roda pela mão de Figueiredo Pimentel.

“Quando conheci Lima, ele já estava branquejando. Não me lembro de pessoa mais descuidada e só o vejo com os sapatos cambetas, palheta suja, roupa azul-marinho muito manchada e duas placas de suor e poeira nas costas. Vinha do Ministério da Guerra à tarde e parava em nossa roda, formada num barzinho da *Casa Heim*, na Rua da Assembléia. Bebericávamos e palestrávamos.

Nunca o vi bêbado, mas sempre tomado. Não perdia o propósito. Voltava e continuávamos a bebericar. Depois íamos à Estrada de Ferro, numa verdadeira procissão de passos pelas tascas do caminho. Na estação ainda emborcávamos uma cervejota e ele nos largava para tomar o trem. Conhecia todo o mundo e aquela gente toda que ia passando o cumprimentava.

Às vezes, ia embora com um desses tipos parecidíssimos com os da trinca do Cassi (Cassi Jones, personagem de *Clara dos Anjos*, um crápula e estróina que agia no subúrbio), malandros e capadócios; outras, com gente humilde, mas correta e boa — guardas, carteiros, mata-mosquitos, pequenos funcionários. Este pessoal está todo de personagem nos seus livros.”

(“Recordações do escritor Afonso Henriques”
— artigo de José Nava)

“Trata-se de um incidente entre Lima Barreto e um almo-fadinha que se juntara à roda sem ser chamado. Diante da prosápia do desconhecido, que parecia sentir-se mal vestido e enxovalhado, o escritor resolveu castigá-lo, crivando-o de indiretas. Os boêmios riam, gozando o intruso. Este se enfureceu e atirou um copo na cara de Lima, abrindo um talho na sobrancelha direita, bem em cima do olho. O melado escorreu e houve um reboiço entre nós, estarecidos com tanta estupidez. Tudo foi inesperado e rápido. Com o sururu em perspectiva, não faltou um tira para prender o agressor. Mas Lima Barreto deixou-nos mais espantados ainda, explicando ao investigador que escorregara e caíra com o copo, ferindo-se daquele modo. E se retirou, limpando o rosto com um guardanapo, seguido por uns, enquanto outros liquidavam a conta.”

(Episódio relatado por Aldo Borgatti)

“...sem dinheiro, mal vestido, sentindo a catástrofe próxima da minha vida, fui levado às bebidas fortes e aparentemente baratas, as que embriagavam mais depressa. Desci do uísque à genebra, ao gin e, daí, até a cachaça.

Resvalava para a embriaguez inveterada, faltava à repartição semanas e meses. Se não ia ao centro da cidade, bebia pelos arredores da minha casa, desbragadamente. Embrigava-me antes do almoço, depois do almoço, até ao jantar, e deste até a hora de dormir.”

(O Cemitério dos Vivos)